

ESPAÇO E LUGAR EM MOVIMENTO: OBRAS DE LÍDIA BAÍS COMO DISPOSITIVOS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA¹

Renan Carnauba de Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
renan_carnauba@hotmail.com

Flaviana Gasparotti Nunes
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
flaviananunes@ufgd.edu.br

Resumo

Neste trabalho buscamos destacar as potencialidades da linguagem pictórica na educação geográfica, por meio da análise da vida e da obra da artista Lídia Baís, em diálogo com os conceitos de espaço e lugar propostos por Doreen Massey (2012). Parte-se da perspectiva de que esse agenciamento constitui um campo de intensidades e desejos, capaz de afetar a produção do pensamento espacial por meio de experimentações no ambiente escolar, promovendo novas linhas de aprendizagem e práticas científicas. A experimentação realizada resultou em imagens criadas por alunas e alunos através de desenhos, expressando outros modos de ver o espaço e o lugar.

Palavras-Chave: experimentação; educação geográfica; Lídia Baís.

Introdução

Nascida em 1900 e falecida em 1985, em Campo Grande (MS), Lídia Baís viveu como mulher e artista em um contexto cultural conservador, no qual o espaço do lar e da família eram entendidos como lugar de proteção e contenção. Suas obras, no entanto, revelam uma postura de enfrentamento a essas restrições, dialogando com correntes como o modernismo e o surrealismo e abordando temas como religiosidade, subjetividade, política e corpo.

A trajetória da artista sul-mato-grossense é marcada por rupturas estéticas, sociais e temáticas. Ao propor a arte como campo de transgressão, Lídia Baís tensiona os mapas de lealdade mencionados por Doreen Massey (2012), nos quais o pertencimento é geralmente atrelado a categorias fixas como nação, família ou comunidade. Em vez disso, sua produção expressa um movimento de deslocamento e invenção, recusando a imposição de um lugar estático. Trata-se de uma vivência do espaço que atravessa fronteiras, questiona normatividades e afirma outros modos de estar no mundo, ainda que enraizada em um contexto regional.

Em vista disso, propomos pensar as obras de Lídia Baís como dispositivos para repensar o espaço e o lugar como expressões da multiplicidade de trajetórias, relações e histórias que se entrelaçam em um processo de devir.

Nessa perspectiva, a arte é compreendida, com Deleuze e Guattari (2010), como um meio de experimentação e não de representação. A experimentação, segundo os autores, é uma

¹ Trabalho vinculado à pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

prática com abordagem ativa, criativa e aberta à transformação. Não se trata apenas de se testar hipóteses ou aplicar métodos preestabelecidos, mas de lançar-se em processos de criação e transformação contínua, sem a busca por um resultado fixo ou determinado. A arte é um meio para experimentar, rompendo com as estruturas de poder que nos aprisionam. A arte, assim, não se reduz a estética contemplativa, mas funciona como dispositivo para outros caminhos, criações de outras formas de pensamento. Não se trata, portanto, de um refúgio do mundo real, mas de um dispositivo que permite traçar linhas, caminhos de transformações, devires e rupturas.

A ciência enquanto experimentação, tal como a arte, opera fora da lógica da utilidade e da soberania, tornando-se um processo de criação contínua que desafia fronteiras fixas do conhecimento. Ao invés de ser uma metodologia rígida, se adapta às necessidades e contextos que surgem durante o processo de pesquisa, permitindo modificar o percurso de acordo com os fluxos da prática (Deleuze; Guattari, 2010).

Esse entendimento nos leva a pensar a ciência e a educação geográfica como campos também atravessados por forças criativas. Ao deslocarmos o conceito de experimentação para o contexto escolar, propomos uma prática ativa e criativa que não busca respostas fixas e abre possibilidades para outras linhas de aprendizagem.

A experimentação aqui apresentada foi realizada com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola estadual localizada na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. A proposta foi previamente dialogada com a professora regente, direção e coordenação da escola, sendo desenvolvida ao longo de três aulas de 50 minutos. Os encontros foram registrados por meio de fotografias e anotações de campo, e contaram com o uso de projetores de imagens, reproduções das obras de Lídia Baís, materiais de desenho e pintura.

As atividades seguiram três momentos principais: primeiro, uma discussão sobre as aproximações e distanciamentos históricos entre Geografia e Arte; em seguida, uma leitura coletiva da trajetória e das obras de Lídia Baís à luz dos conceitos de espaço e lugar propostos por Massey (2012); e, por fim, a criação de composições artísticas que expressassem as percepções dos estudantes sobre seus próprios lugares. A partir dessa experimentação, buscamos provocar deslocamentos nos modos tradicionais de aprender e pesquisar Geografia.

Espaço e lugar de Lídia Baís

Lídia Baís, mulher e artista que viveu em um período de transição para a modernidade em uma cidade no interior de um estado rural, foi impactada pelo comportamento conservador e patriarcal da sociedade. As inquietações da artista com o contexto no qual estava inserida, são expressas em suas obras que mesclam o sagrado e o profano, o conservador e o libertário, o local e o global, o íntimo e o coletivo. Lídia Baís era uma estrangeira dentro da sua própria cidade, com ideias e práticas artísticas que desafiavam as expectativas de sua época. O seu comportamento era considerado inadequado para uma mulher da época, ser artista, solteira, sem filhos, não se submetendo ao trabalho doméstico, era considerado estranho (Reis, 2017).

Suas obras expressam como ela transcendeu aos padrões impostos às mulheres, de serem submissas ao pai, depois ao marido e à Igreja (Reis, 2017). Uma das características de sua

produção artística são os autorretratos, nos quais a artista se coloca em diferentes posições; mulher, religiosa, política e guerreira. As obras das Figuras 1 a 6, foram apresentadas as alunas e alunos, sendo as principais inspirações para criação de seus desenhos no processo de experimentação.

Figura 1 – *Autorretrato*, de Lídia Baís.



Fonte: Fotografia do autor, realizada na exposição temporária no Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul (MIS-MS), 2025.

Figura 2 – *Virgem com cruz*, de Lídia Baís. Figura 3 – *Micróbio da Fuzarca*, de Lídia Baís.



Fonte: Fotografias do autor, realizadas na exposição temporária no MIS-MS, 2025.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Figura 4 – *Última ceia do Nosso Senhor Jesus Cristo*, de Lídia Baís.



Fonte: Fotografia do autor, realizada na exposição temporária no MIS-MS, 2025.

Figura 5 – Montagem fotográfica, sem título, de Lídia Baís.



Fonte: REIS, 2017, p. 113.

Figura 6 – *Joana D'arc das artes*, de Lídia Baís.



Fonte: REIS, 2017, p. 116

Segundo Massey (2012), na história ocidental, foram criados gêneros inteligíveis, de certas formas do “masculino” e do “feminino”, estabelecendo o acesso a lugares a partir da distinção de gênero, expulsando mulheres de locais como os laboratórios científicos, por exemplo, restringindo o lugar das mulheres ao lar, ao serviço doméstico. A autora aponta que a masculinidade dominante em diversos lugares do mundo hoje, não é por acaso, é resultado de uma longa e profunda história da construção do gênero. A estória, de mobilidade do homem e isolamento da mulher, uma “[...] cartografia de gênero e um contraste perfeito entre abertura global e autocontenção local” (Massey, 2012, p. 251).

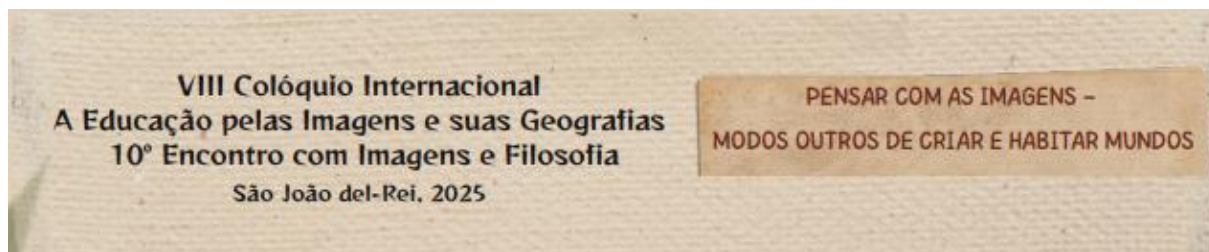
Conforme Massey (2012), a forma atual de organização social dos tempo-espacos, tanto do laboratório científico quanto do lar são tentativas de regular, mesmo que de modos diferentes, o alcance e a natureza das aventuras e dos encontros casuais que são permissíveis. “Cada um é um meio de lidar com os múltiplos devires do espaço” (Massey, 2012, p. 254). A autora aponta que os fechamentos do lar e da família devem ser abertos a uma crítica paralela àquela que se faz a outros fechamentos conservadores, o Estado-nação e a comunidade local.

Massey (2012) sugere pensar a estória do mundo não apenas como a estória do Ocidente e do homem heterossexual branco. Ao associar vida e obra de Lídia Baís com as proposições de Massey, propomos “[...] imaginar o espaço como esfera de possibilidade da existência da multiplicidade” (Massey, 2012, p. 31). Família e sociedade buscaram impor a Lídia Baís o lar como seu lugar e o trabalho doméstico como sua única opção de futuro, no entanto, a artista causou rupturas nesses dogmas e com a arte buscou traçar sua trajetória para além das amarras familiares e locais.

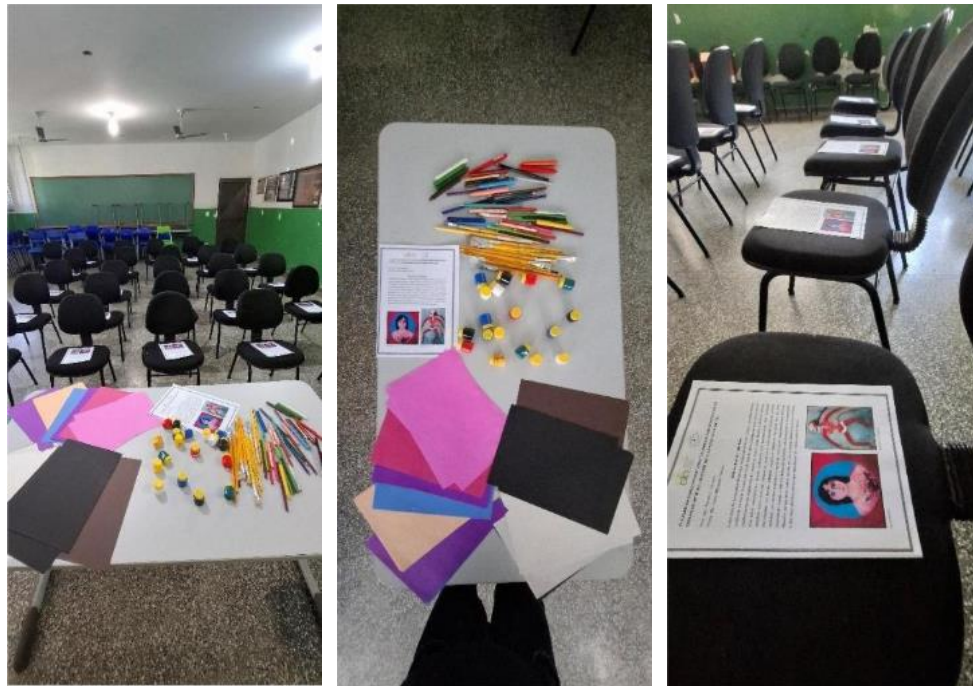
Considerando esse contexto, questionamos as alunas e alunos participantes da experimentação, sobre qual era o lugar de Lídia Baís, e os convidamos a pensar sobre seus próprios lugares no mundo. Com isso, buscamos investigar como as obras de arte de Lídia Baís podem agir enquanto dispositivos em busca de outras imaginações espaciais e outras visões e imagens dos lugares que as alunas e alunos vivem.

A experimentação

Para realizar a experimentação selecionamos alguns elementos para provocar a criatividade das alunas e alunos, a começar pelo ambiente onde ocorreria a prática. Ao invés da sala de aula, uma sala de vídeo, utilizando dois projetores de imagens, um para a apresentação da proposta e outro reproduzindo de forma ininterrupta imagens de obras de Lídia Baís. Em uma mesa à frente da sala, colocamos materiais de desenho e pintura, ilustrando os diferentes elementos que iriam compor a prática. Material impresso contendo imagens das obras de Lídia Baís e textos informativos sobre sua trajetória de vida, foram distribuídos nas cadeiras da sala.



Figuras 7, 8 e 9 – Ambiente criado para a experimentação.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

No primeiro momento da experimentação, apresentamos as diferentes possibilidades de encontros entre Geografia e Arte ao longo da história. Através de imagens de mapas antigos e obras de arte de diferentes períodos, buscamos instigar a percepção dos estudantes sobre as potencialidades da arte enquanto dispositivo de aprendizagem.

Em um segundo momento, sugerimos para a turma a proposta “O lugar de Lúcia Baís”, utilizando slides e material impresso para apresentar aspectos da vida e da obra da artista, situando-os em seu contexto espacial. O contexto em que a obra foi elaborada “[...] afeta o processo de criação, tanto no sentido de atendimento ao gosto hegemônico quanto no sentido de romper com as normas e os padrões convencionais” (Ferraz, 2009, p. 35). Essa maneira de ler as obras “[...] enriquece o sentido espacial que podemos elaborar a partir das formas, das maneiras e dos contextos em que as imagens foram trabalhadas pelo artista” (Ferraz, 2009, p. 35).

Posteriormente, explanamos proposições de Massey (2012) sobre os conceitos de espaço e lugar, aplicando-os na análise das obras de Lúcia Baís. Nesse momento, juntamente com as alunas e alunos, investigamos as possibilidades da noção de lugar que Lúcia Baís possuía enquanto mulher e artista em uma cidade no interior no país em início de processo de modernização. Analisamos as obras de maneira coletiva, implicando um olhar geográfico sobre os elementos das pinturas. Estimulamos alunas e alunos a explanarem suas percepções, seus estranhamentos, afinidades, falarem suas análises dos elementos das obras, buscando fazer o

exercício de se imaginar o lugar que Lídia Baís viveu. A artista teve uma relação de contestação com o lugar e não de contemplação. Isso serviu como provocação para as alunas e alunos contestarem seus lugares e imaginações espaciais hegemônicas.

Figuras 10, 11 e 12 – Processo de experimentação.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

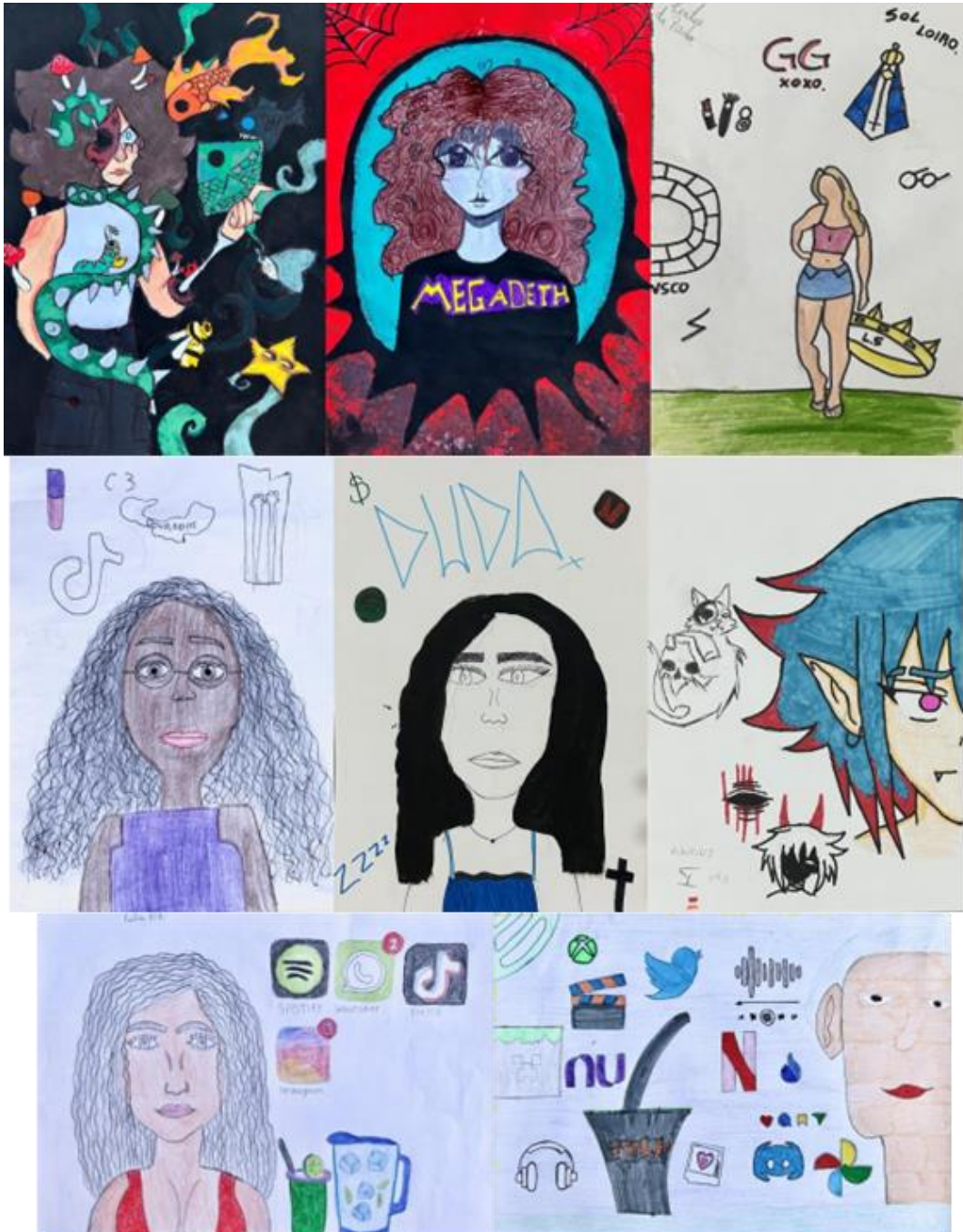
Lídia Baís expressou através da arte suas inquietações com a sociedade, com o lugar em que vivia; isso serviu como estímulo para que as alunas e alunos pudessem expressar suas vivências através da arte em aulas de Geografia. No último ato da experimentação, propomos a criação de obras de arte, através de desenhos e pinturas, onde as alunas e alunos puderam expressar suas imaginações espaciais e a visão do seu lugar em uma cidade do interior do país.

Os desenhos produzidos, quando analisados sob uma ótica geográfica, revelam a complexidade e a pluralidade que caracteriza as relações entre sujeitos e espaço. Massey (2012) propõe uma visão do espaço e do lugar como dinâmicos, marcados por relações sociais múltiplas, interconectadas e em constantes processos de transformações. Essa perspectiva permite analisar os desenhos como expressões das trajetórias e experiências que constroem os sentidos de pertencimento, identidade e vivência das alunas e alunos. A seguir, apresentamos alguns dos desenhos elaborados:

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Figura 13 – Conjunto de desenhos elaborados.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

Figura 14 – Conjunto de desenhos elaborados.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

Os autorretratos de Lúcia Baís foram inspiração para a criação dos desenhos. Podemos observar desenhos onde corpos aparecem em processo de transformação, com versões múltiplas de si mesmos ou sem rostos, dialogando diretamente com as obras da artista e sua exploração das subjetividades, metamorfoses do corpo e do feminino. Essa abordagem pode ser entendida como uma homenagem a artista, mas também como uma expressão de

multiplicidade. Esses desenhos parecem expressar a coexistência de diferentes versões de si mesmos, influenciadas por fatores locais e globais.

Nos autorretratos que incorporam símbolos de redes sociais, como ícones de plataformas digitais ou elementos relacionados ao universo virtual, percebe-se a materialização de um lugar relacional. Aqui, o espaço físico parece se entrelaçar com o virtual, onde o lugar deixa de ser apenas um ponto fixo no mapa para se transformar em um espaço de trocas, interações e influências globais. Massey (2012) nos estimula a pensar como essa aceleração nas comunicações e o ciberespaço cria outros tipos de multiplicidades e relações construídas com os novos tipos de configurações espaciais. Os desenhos refletem a influência das redes sociais na vida contemporânea, indicando como as alunas e alunos vivenciam e ressignificam seus lugares a partir de experiências mediadas pela tecnologia digital.

Os desenhos criados revelam que os lugares não são apenas localizações geográficas, mas campos de significação onde dimensões sociais, culturais, emocionais e históricas se entrelaçam. Assim, os desenhos tornam visível a característica multifacetada e relacional dos lugares que as alunas e alunos habitam e que os habitam, evidenciando que o lugar é, acima de tudo, uma construção viva, aberta e em constantes transformações. Por meio da arte, as alunas e alunos foram capazes de expressar essas camadas de significados, contribuindo para uma compreensão mais ampla e profunda de seus lugares.

Os desenhos que associam símbolos religiosos com símbolos de redes sociais e de consumo, demonstram como o espaço e o lugar são expressões da teia de relações que compõem o mundo. Relações entre pessoas, lugares, culturas e instituições. As interações e conexões entre diferentes elementos sociais, econômicos e políticos são o que realmente compõe o espaço. São nessas relações que a política encontra seu terreno, pois a política é essencialmente sobre a gestão e organização dessas relações.

As decisões políticas afetam e são afetadas pelas relações que estruturam a sociedade. Uma política que realmente faça a diferença só pode existir se houver uma abertura radical do futuro (Massey, 2012). Se o futuro for considerado fechado e predeterminado, as ações políticas seriam limitadas a seguir um caminho pré-traçado (Massey, 2012). Portanto, compreendemos a importância de imaginar o espaço e o lugar como processos abertos e dinâmicos levando essa discussão para as aulas de Geografia. Políticas espaciais que oprimem as relações e a multiplicidade do espaço precisam ser perturbadas, e vemos nas aulas de Geografia uma possibilidade potencialmente transformadora.

Conclusões

A experimentação relatada neste trabalho evidencia a potência do encontro entre Geografia e arte como provocador de outras linhas de aprendizagem na educação geográfica. As obras de Lídia Baís, enquanto dispositivos, deslocaram e reconfiguraram a experiência geográfica, ampliando as possibilidades de produção de conhecimento e as concepções de espaço e lugar.

Os desenhos produzidos por alunas e alunos não apenas revelam suas compreensões sobre os lugares que habitam, mas também expressam afetos, tensões e desejos que atravessam

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

suas existências. Compreender o espaço e o lugar como construções vivas e relacionais, e não como simples localizações, permitiu explorar camadas subjetivas, históricas, sociais e culturais que compõem o cotidiano. Nesse sentido, a proposta não buscou respostas prontas ou representações estáticas, mas sim a emergência de processos criativos e singulares que colocam em movimento o pensamento espacial.

Acreditamos que promover possibilidades para essas experimentações no ambiente escolar é afirmar a importância de práticas que valorizem as diferentes linguagens e a expressão das vivências de alunas e alunos. Essa abordagem, que articula Geografia e arte, contribui para o fortalecimento de uma educação geográfica aberta à multiplicidade das trajetórias que compõem o espaço.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 29-41, set./dez. 2009.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

REIS, Fernanda. *Lídia Baís: arte, vida e metamorfose*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2017.